

A AMAZÔNIA JUDAICA NA LITERATURA

THE JEWISH AMAZON IN LITERATURE

Alessandra Conde¹

Data de recebimento do texto: 10/08/2024

Data de aceite: 07/09/2024

Resumo: Este artigo examina a produção literária selecionada de escritores do norte do Brasil, sobretudo os judeus, que em suas obras serviram-se de temáticas judaicas ou de personagens judeus, representantes da história e da cultura judaica na Amazônia. Longe de ser um catálogo finalizado, este trabalho é um *work in progress*, que pretende mostrar “representações da exclusão da sociedade e da incorporação na sociedade” (CALVINO, 2009, p. 142), a propósito da presença judaica na Literatura da Amazônia. Em alguns casos, o “outro outro” judeu é invisibilizado ou recebe uma visibilidade débil, conceito delineado por João Cezar de Castro Rocha (2017), à luz de teorias de René Girard, que nos permitirá, como chave de leitura, conhecer como a literatura latino-americana está a representar o indivíduo judeu.

Palavras-chave: Escritores judeus. Temática judaica. Amazônia. Invisibilização. O “outro outro”.

Abstract: This article examines the selected literary production of writers from the north of Brazil, especially Jews, who in their works used Jewish themes or Jewish characters, representatives of Jewish history and culture in the Amazon. Far from being a completed catalogue, this work is a project underway, which aims to show “representations of exclusion from and incorporation into society” (CALVINO, 2009, p. 142), regarding the Jewish presence in Amazonian Literature. In some cases, the “other other” Jewish is made invisible or is given weak visibility, a concept outlined by João Cezar de Castro Rocha (2017), in the light of René Girard's theories, which allows us, as a reading key, to apprehend how the Latin American literature represents the Jewish individual.

Keywords: Jewish writers. Jewish theme. Amazon. Invisibilization. The “other other”.

¹ Pós-Doutora em Estudos Literários (UFMG). Doutora em Letras e Linguística (UFG). Docente da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-graduação em Letras, PPGL/UFPa. E-mail: afcs77@hotmail.com

A presença judaico-marroquina na Amazônia pode ser rastreada desde as primeiras décadas do século XIX. Com o crescimento da comunidade judaica estabelecida na região, a história dos pioneiros judeus, navegantes dos rios e desbravadores da floresta amazônica, foi escrita, inicialmente, por escritores pouco habilidosos com a arte literária. O registro inicial, todavia, dá conta de histórias de lutas e conquistas. Os escritos posteriores mostram maior competência literária, como afirma Regina Igel em *Imigrantes judeus/Escritores brasileiros* (1997). Na Amazônia, três grupos de escritores abraçaram o tema sobre a presença judaica na região: o dos judeus, o dos descendentes de judeus e o dos não-judeus, classificação que segue a divisão já iniciada pela professora Regina Igel no estudo referenciado acima. Este trabalho apresenta uma cartografia da produção literária de escritores do norte do Brasil que tematizaram a presença judaica na Amazônia, nos âmbitos da História e da Cultura. Longe de ser um catálogo finalizado, este estudo é um *work in progress*, pois, muitas vozes de judeus e/ou sobre judeus precisam alcançar visibilidade, principalmente, porque a pesquisa sobre o tema é recente e a fortuna crítica e as fontes ainda são escassas.

Se no passado colonial escritores judeus escreveram “por baixo do pano”, como atesta Regina Igel (2008, p. 1), ocultando sua origem e abafando a cultura de seus ancestrais, séculos depois, outros judeus, bem no coração da Amazônia, altearam suas vozes para ecoar a sua cultura e o direito de viver na *Eretz* amazônica. Este trabalho propõe-se a dar visibilidade a autores judeus e a temas judaicos estabelecidos em espaços da Amazônia brasileira. No entanto, personagens judeus em territórios panamazônicos, por exemplo, surgem em livros de autores brasileiros e estrangeiros, como se vê, por exemplo, em dois romances de Vargas Llosa – em *O falador* (1988) e em *O sonho do celta* (2010) –, em *Cem anos de Solidão* (1967), de Gabriel Garcia Marques e em *A selva* (1930), de Ferreira de Castro.

Na circunscrição nacional, questionamo-nos a respeito das “representações da exclusão da sociedade e da incorporação na sociedade”, conforme pontua Calvino (2009, p. 142), que acorreram aos personagens judeus. Foram eles socialmente atrativos? Como a literatura latino-americana está a representar o indivíduo judeu? Como ele foi concebido? Importa-nos, antes, a fim de responder tais questões, realizar algumas digressões a propósito do sujeito compreendido como o outro em contextos não hegemônicos.

Em *Culturas shakespearianas: teoria mimética e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas*, João Cezar de Castro Rocha (2017) afirma que a

literatura latino-americana, estabelecendo-se em contextos não hegemônicos, constituiu-se emulando aspectos das culturas literárias europeia e da América do Norte, por exemplo. Este processo de emulação, tendo como lume a produção shakespeariana, que não deve ser confundido com a mera apropriação de um modelo estabelecido, é antes um rearranjo artístico, produto que passa a existir mediante a condição transcultural que envolve espaços e culturas hegemônicos e não hegemônicos. Neste sentido, de acordo com Rocha (2017, p. 139), “a forma shakespeariana permite aos inventores das culturas não hegemônicas uma liberdade preciosa, traduzida na assimilação irreverente do repertório canônico”. Não é de modo pacífico que o processo de emulação é aceito. Concebida, às vezes, como mera cópia, muitos latino-americanos, por exemplo, buscam afastar-se das amarras hegemônicas, negando modelos tradicionalmente estabelecidos, valorizando apenas o que seria da geografia local. Em contrapartida, para além do âmbito positivo da transculturação que evoca uma “interdividualidade coletiva” latino-americana, “a centralidade do Outro no plano muito mais amplo e complexo do conjunto de uma nação” (ROCHA, 2017, p. 123) – termo cunhado por Rocha e alargado da visão girardiana a propósito da noção de interdividualidade –, isto é, que concebe, para a formação do indivíduo ou da coletividade, o outro como referência individual ou coletiva, manifestou-se uma circunstância negativa no afã de adotar o modelo eurocêntrico, causando uma invisibilidade social de grupos étnicos como os dos negros, dos indígenas e dos mestiços. Segundo Rocha (2017, p. 320),

a formação social latino-americana teve como fundamento a exploração sistemática de uma parcela expressiva do povo que denomino “outro outro”. Trata-se do negro escravizado como se fosse um teimoso Calibã. O primeiro que lhes foi tirado foi a dignidade, por meio da negação dos direitos mais elementares. Por último, a eles foi atribuída uma inferioridade étnica “cientificamente” demonstrada. Forjou-se a imagem de um “outro outro” que se busca tornar “invisível”, pois olhá-lo de frente levaria à descoberta de um indesejável duplo mimético.

Assim, negros, indígenas e outras minorias étnicas e sociais foram silenciadas ou tornaram-se figuras caricatas, sofrendo um processo de “invisibilização social” ou de “visibilidade débil”. A indiferença aos “outros outros” é marca da “visibilidade débil [que] é a forma precisa de não ver o que se encontra diante dos olhos: é o *desconhecimento* que nutre o desprezo vitimário em relação ao ‘outro outro’” (ROCHA, 2017, p. 335). Os arrazoados de Rocha nos levam a considerar se personagens judeus foram retratados como

“outro outro” na geografia literária amazônica. Conhecer algumas obras que tematizaram a presença judaica nos levará a responder tal inquirição.

Antes se faz necessário esclarecer porque concebemos o judeu como participante do grupo do “outro outro”. Rocha escreveu *Culturas shakespearianas* tendo como referência estudos de René Girard, sobretudo os livros *Mentira romântica, verdade romanesca* (1961), *A violência e o sagrado* (1972) e *Coisas ocultas desde a fundação do mundo* (1978). Convém, para efeito didático, apresentar uma visão panorâmica dos assuntos abordados nas obras de Girard. No primeiro livro, delinea-se a ideia de que o sujeito se reconhecerá tendo o outro como referência, ou seja, o desejo formulado, ou as apropriações culturais serão colhidas em terrenos alheios, ou seja, o sujeito constitui-se suscetível às mediações internas e externas. Essas mostram-se pacíficas, edificantes, pois o modelo distante do sujeito que deseja não conduz à rivalidade, mas à imitação instrutiva, sendo promovido a sujeito digno de admiração e ao panegírico de um padrão. Em contrapartida, as primeiras evocam a rivalidade, posto que o sujeito desejante aspira pelo o que é próprio do outro (um objeto, a essência, as relações etc), formando um triângulo mimético. Alguns romances, como *Em busca do tempo perdido*, de Proust, *Dom Quixote*, de Cervantes, entre outros, assim como em algumas peças de Shakespeare, segundo Girard, clarificam essa estrutura triádica que liga o sujeito, o objeto e o modelo ou mediador, que pode tornar-se um rival. Tais textos apresentariam a verdade romanesca, enquanto àqueles que não dão luz ao fato constituiriam a mentira romântica.

Em *A violência e o sagrado*, o entendimento de Girard sobre o bode expiatório, reconhecido como um mecanismo em que a violência endêmica seria freada e regulada por um assassinato ritual, amparado pela aquiescência da coletividade quanto à culpabilidade da vítima, dá azo à concepção de que a violência, em sociedades arcaicas, seria disciplinada pelo sagrado, mediante a instrumentalização do sacrifício. Em resumo,

o bode expiatório é um membro do grupo, mas deixa de sê-lo na hora em que é assinalado como culpado da desordem. Converte-se assim numa espécie de elemento externo, favorecendo o retorno da coesão do grupo que volta a reconhecer-se como uma unidade, em oposição ao futuro bode expiatório, figura mesma da alteridade que se havia perdido na crise da indiferenciação (ROCHA, 2017, p. 59).

Em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, busca-se responder à questão de como parar a violência sem recorrer ao mecanismo do bode expiatório, quer como constructo real, como nas sociedades arcaicas, quer como manifestação metafórica que

conduz os seres humanos às inimizades e exclusões sociais. Tendo como modelo a expiação cristã, Girard concebe uma ética do conhecimento, isto é, é preciso conhecer o processo vitimário e suas implicações de rivalidade e violência para, mediante decisão ética abandonar o território das agressões, um “espaço não sacrificial” (ROCHA, 2017, p. 283). Exige-se do sujeito uma reeducação ética que o afaste das zonas de guerra. Girard fala em conversão. Não em conversão religiosa, como se fosse um arauto a apregoar o cristianismo. Mas, tomando o perdão cristão como parâmetro, sugere uma transformação do sujeito, um dar a outra face que faria a mão do opressor perder a força. Utopia ou não, evoca-se a mediação externa como padrão a ser adotado não apenas no âmbito interdividual, neologismo girardiano que atesta a formação da individualidade e a necessária interação com os outros. Infelizmente, um mundo em que impera a mediação interna, a “interdividualidade coletiva” não consegue adotar a mediação externa como padrão. Para Rocha (2017, p. 297),

nas circunstâncias contemporâneas, a conversão ética implicaria retornar aos padrões impostos pela mediação externa, renunciando ao propósito de tomar posse do objeto do modelo. Num mundo dominado pela mediação interna, tal possibilidade se tornou utopia.

A história judaica ao longo dos tempos relata inúmeras perseguições, geradas por concepções religiosas, políticas e econômicas, que se abateram sobre os judeus, tornando-os “outro outro”. Encontrando-se em constantes circunstâncias não hegemônicas, os judeus têm constantemente estado à mercê de relações interindividuais e de interdividualidade coletiva que os diferenciam do restante da sociedade, sobretudo em momentos de crise. Neste caso, são continuamente feitos bodes expiatórios, “outros outros” que precisam não apenas ser invisibilizados – ou que recebam uma visibilidade débil –, mas exterminados, porque maléficos à sociedade. E na Literatura latino-americana, sobretudo na geografia amazônica, como os judeus foram representados?

Nas obras selecionadas, conforme veremos, há alguns temas recorrentes. São eles: o antissemitismo; as judias polacas na Amazônia; a contribuição intelectual e econômica judaica na Amazônia; os judeus e outros grupos étnicos migrantes; os judeus e os amores nativos; as mães judias entre a tradição e a transgressão; “Ser, viver e permanecer judeu” (Benchimol, 2008, p. 175) na Amazônia, isto é, a identidade judaica e suas variações. Os temas serão apresentados no contexto das obras. Catalogamos quinze escritores nascidos ou radicados na Amazônia que aludiram à temática sobre a presença judaica na região norte do Brasil. Dez são escritores judeus, dois atestam a ancestralidade judaica, embora

não professem a religião hebraica, e três deles não são judeus. Quem são eles e quais as imagens empregadas no retrato da identidade judaica na Amazônia? Antes de elencarmos os quinze escritores selecionados, apresentaremos uma imagem culturalmente cristalizada sobre o judeu em terras amazônicas.

No conto “O baile do judeu”, de Inglês de Sousa, publicado em *Contos amazônicos* (1893), o atrevido e “malvado judeu”, possível adorador de uma “cabeça de cavalo” e “inimigo da Igreja” (SOUSA, 2004, p. 103), incriminado pela morte da divindade cristã, concebeu o mau propósito de dar um baile convidando autoridades políticas, eclesiásticas e a sociedade em geral. O narrador, reconhecendo a imagem antissemita, conforme a tradição literária e iconográfica apregoa desde a Idade Média, no imaginário dos povos, com ironia narra: “Ora, um dia, lembrou-se o Judeu de dar um baile e atreveu-se a convidar a gente da terra [...] Lá estavam, em plena judiaria, pois assim se pode chamar a casa de um malvado Judeu [...]” (SOUSA, 2004, p. 103). É nesta casa, durante o baile, que uma figura peculiar do imaginário amazônico, o boto, surge entre os convivas, sequestrando minutos depois para as profundezas do rio, uma senhora casada imprudente:

O monstro, arrastando a desgraçada dama pela porta fora, espavorido com o sinal da cruz feito pelo Bento de Arruda, atravessou a rua, sempre valsando ao som da Varsoviana e, chegando à ribanceira do rio, atirou-se lá de cima com a moça imprudente e com ela se atufou nas águas. Desde essa vez, ninguém quis voltar aos bailes do Judeu.

Duas criaturas monstruosas surgem no conto. Uma é claramente nomeada: o boto sedutor, oriundo do universo mítico das encantarias amazônicas. Segundo Paes Loureiro (1995, p. 87) “o boto [é um] incorrigível sedutor, que ora aparece sob a forma humana e vestido de branco, ora volta ao rio sob a forma de animal”. O outro, o judeu, com deformação moral, demoníaca, é o anfitrião do mal, pois é em sua casa que a monstruosa criatura mítica surge causando males à sociedade. Jeffrey Jerome Cohen em “A cultura dos monstros: sete teses” (2000), publicado em a *Pedagogia dos monstros*, afirma que é possível “compreender as culturas por meio dos monstros que elas geram” (COHEN, 2000, p. 26). Talvez o narrador mais que contar um caso sabido na geografia Amazônia estivesse a denunciar uma imagem antissemita cristalizada na sociedade, sendo o “outro outro”, debilmente invisibilizado, o que nos leva a questionar se estando no mesmo patamar do monstro amazônico, tal imagem sobre o judeu, na literatura da Amazônia, perdurou em

escritos posteriores à publicação de *Contos amazônicos*? Como escritores judeus e não judeus retratam a personagem judaica?

José Benedicto Cohen, nascido no Marrocos, veio ainda criança para o Pará, formou-se médico. Foi também jornalista e escritor, além de exercer funções religiosas na comunidade. Publicou contos e poemas em jornais da época. No Jornal *A Columna*, de orientação sionista, que circulou entre 1916 e 1917, Cohen publicou poemas como “Israel”¹ e “Pessach”². Neles estão estampados o sofrimento do povo judeu e a esperança de retorno ao lar ancestral: “Raiara enfim o sol da independência / Para esse povo eleito, a quem Jeovah / Se revelara em toda a Omnipotência!”³ Cohen conclama seus irmãos judeus a despertarem à causa sionista, como se vê na crônica “Nossos irmãos da Amazônia”: “um ideal há vinte séculos sonhado”⁴. O esforço para viver com dignidade e liberdade em terras amazônicas obliterou o desejo maior que Cohen julgou que todo o judeu deveria ter. Não se estaria seguro em terra estranha. Na “Carta aberta ao Sr. A. B.”, escrita em Óbidos, no Pará, em novembro de 1917, Cohen manifesta ter ciência dos torpes episódios antissemitas. Cotejando a terra brasileira com a europeia, concebe o Brasil um país tolerante. No entanto, é preciso estar à espreita, em constante atenção, conforme atesta ao Sr. A. B.:

Affirma A. B. que não irá á nova pátria, porque está em um paiz onde goza de toda a liberdade e regalias. Perfeitamente. Eu também não irei porque nasci no Brasil, aqui eduquei-me e sou formado por uma das escolas superiores deste paiz que eu idolatro e onde tenho ocupado empregos de Fazenda, na Instuccão e no Magistério Públicos, o que equivale a afirmar que, mais do que o sr. A. B., eu gozo de todas as prerrogativas contidas na nossa Constituição. Mas. Pergunto ao sr. A. B.: os nossos irmãos nascidos na Rússia, na Allemanha , na Áustria , na França , na Hespanha, em Marrocos ou na própria Palestina, podem jactar-se de gosar esta felicidade que nos é dado desfrutar? E nós mesmos podemos conta-la duradoura? Para que o sr. A. B. não tenha duvida em responder-me negativamente, basta que se não esqueça que o israelita nascido aqui .no Cairo, em Malta, em Nazareth ou no Egypto, nunca deixará de ser um hospede! E um hospede sr. A. B., por mais amável que elle seja, é sempre incommodo quando nos demora muito em casa!... Si no Brasil ainda não sentimos os effeitos do antissemitismo, é simplesmente por ser o paiz ainda muito novo e o número de israelitas pouco vultuoso. Entretanto, quando um factio menos digno se dá entre polacos, russos *El reliqua*, os jornaes, sem tergiversar, attribuem-o a judeus. E isto não é mais do que os primórdios da manifestação daquele sentimento! Não se pôde negar que o Brasil é um paiz essencialmente progressista, incomparavelmente tolerante; isto porém não basta para que possamos confiar no *Amanhã*.⁵

Cohen, ao que parece, pretendeu dar visibilidade ao judeu que adotou a Amazônia como terra de acolhida. Ser socialmente aceito requer antes uma autoaceitação e

autovalorização cultural. Conhecer e representar a própria história e a cultura ancestral é o caminho inicial para a inclusão social, pensamento também defendido por Rosenblatt.

Sultana Levy Rosenblatt, escritora paraense, escreveu contos, crônicas, peça e romances sobre os mais variados assuntos. *Uma pequena mancha de sol* (1951), *Barracão* (1959) e *As virgens de Ipojucama* (1978) destacam-se dentre os seus romances. Na crônica “Como viemos parar na Amazônia” (2000), publicada na revista *Morashá*, Rosenblatt fala a respeito das razões da imigração marroquina judaica para a Amazônia. São memórias familiares que revelam as razões da desterritorialização. As pestes, a pobreza e as perseguições impulsionaram jovens judeus a deixarem o Marrocos, lugar em que estiveram desde a expulsão de Sefarad, Península Ibérica, no século XV, conforme afirma Samuel Benchimol (2008). Segundo Rosenblatt (1999, p. 171), na crônica “Brasil, terra da promessa”, eles “chegavam moços, carregando ilusões e idealismo, além de cultura, não só de judaísmo como geral... iam tentar a sorte numa clareira de floresta, e aí ficavam encravados. Aceitavam a vida quase primitiva, em lugares onde hoje a civilização mal penetrou”. Se encontraram na Amazônia um lugar de repouso, depararam-se também com episódios criminosos de antissemitismo.

O antissemitismo contra crianças é tema presente no romance *Uma grande mancha de sol*, de Sultana Levy Rosenblatt. Em um Sábado de Aleluia, o menino Elias é alvejado na testa por uma pedra. O sangue escorre em seu rosto. Acabara de sair da sinagoga. Estava vestido com uma roupinha branca de marinheiro maculada pelo sangue inocente. Maria Angélica, a protagonista da história, “cobriu os olhos horrorizada, quando, Elias retirando a mão da testa onde lhe acertaram uma pedrada, [...] viu o sangue escorrer” (ROSENBLATT, 1951, p. 61). Cenas de violência gratuita repetem-se no romance. Mariana, empregada da casa de Maria Angélica, odeia os judeus:

Mariana derivava para os judeus a sua revolta, atirando sobre eles as mágoas que poderiam envenená-la se as recalcasse. Tudo o que era casca de fruta, tudo o que era lixo, jogava para a casa dos judeus; vivia desafiando as criadas deles, em indiretas e modinhas; quando as de lá cantavam, ela cobria-lhes a voz, repetindo mais alto a mesma canção, ainda que fosse o hino sionista, que umas e outras desafinavam, em tom de ladainha. Um dia, ao atirar para lá uma galinha morta, foi surpreendida por Elias; subindo ao muro, ele cavalgou-o, jogou primeiro a galinha sobre ela, e depois, comendo um cupuaçu, como quem não estava fazendo nada, fingindo-se distraído, atirava os caroços chupados, alternativamente, na carapinha dela, e na parede dos fundos da casa. Mariana gritava-lhe palavrões e ele, inalterável, continuou, até findar a fruta, o seu trabalho de paciência, arrumando letras com os caroços que se esparramavam no muro, até formar uma palavra que escandalizou Mundica quando a leu (ROSENBLATT, 1951, p. 57-58).

O ódio de Mariana alcançou outra criança da família Bension. Míriam, a pequena irmã de Elias, recebe constantes ameaças e grosserias de Mariana e de sua patroa D. Santa: “Sai daqui, judia” (ROSENBLATT, 1951, p. 78) – dizia a mãe de Maria Angélica. A inocente criança sempre retornava em busca de ouvir a gentil vizinha a tocar piano. Mariana, ao contrário, era crudelíssima. Enxotava a menina dizendo: “– Beija Nosso Senhor. Olha como ele está todo ferido e com uma coroa de espinhos. – De espinhos? – perguntava a criança aflita. – Quem botou? – Foi tu, teu pai, todos os judeus” (ROSENBLATT, 1951, p. 78). O ódio aos judeus não poupa crianças, como temos visto.

Em *Barracão*, embora o enredo trate da história da professorinha Joia e de Álvaro Bentes, dono da fazenda Jananaira, dois grupos judeus surgem. O primeiro é constituído por judeus alemães concentrados no porão de um navio que aportara em uma cidade interiorana do Pará. A professorinha Joia e a família de Jacob, do Furo Grande, judeu marroquino que estava em mudança para Belém, embarcam no navio. A narradora preocupa-se em descrever os passageiros do navio, relatando inclusive a presença de dois alemães no porão, necessitando de ar puro. Alguém esclarece que não se trata de alemães, mas de judeus fugidos da Alemanha nazista. O capitão do navio decretou que continuassem onde estavam, pois deveriam pagar pelo fato de “serem judeus” (ROSENBLATT, 1963, p. 111), não tendo em conta que eles eram vítimas dos nazistas.

Em nenhum desses dois romances os personagens judeus são protagonistas, mas, como personagens decorativos, prefiguram aspectos da sociedade, dando um colorido à geografia local. Benedicto Cohen não estava errado ao advertir seus coetâneos sobre os cuidados com o antissemitismo em territórios aparentemente pacíficos.

Leão Pacífico Esaguy, escritor amazonense, escreveu poemas, contos e romances. O romance *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* (1999) aborda relações transculturais entre judeus imigrantes e amazônidas. O personagem principal é filho de um judeu marroquino – Jacob Benathar – e de uma nativa da região. Rafael apresenta uma interdividualidade coletiva, posto que as culturas judaicas e amazônicas se entrelaçam, dando luz à figura do judeu caboclo. O pai preocupa-se em ensinar a importância da cultura e da religião judaica para o filho que conservará, na maturidade, traços identitários judaicos e amazônidas. Eventos antissemitas são retratados no romance. Um amigo de Jacob, Benchaia, sobrevive a um episódio do mata-judeu, movimento antissemita ocorrido na Amazônia, segundo pontuou Benchimol (2008, p. 86),

em razão de querelas comerciais e econômicas. Para Reginaldo Jonas Heller (2009, p. 2), o episódio do mata-judeu

ocorreu em 1901, nas localidades de Cametá, Baião, Mocajuba, Araquereruba, Mangabeira, Prainha, avançando pelas margens dos rios, onde os judeus tinham suas casas-armazéns, geralmente nos igarapés do "jacob", do "isaac" ou do "moisés". Foi quando ficou conhecido o episódio do "mata-judeu" e o massacre de Massauari, em Maués. Em Cametá, a anterior tranquilidade dos Sabbá transformou-se, repentinamente, em pilhagens e saques do comércio judeu, fazendo com que, na época, a comunidade buscasse refúgio em Belém.

Benchaia narra a Jacob como se livrou dos antissemitas, trazendo à memória as rezas ancestrais, enriquecendo o seu discurso com vocábulos em haquitia e em hebraico: “meldei a minha shemá” (ESAGUY, 1999, p. 48), diz Benchaia ao amigo Jacob Benathar. Este, consciente e cioso de sua judeidade ligada à natureza amazônica, declara:

Pela minha própria natureza sou errante. Não gosto de parar muito tempo no mesmo lugar. O Amazonas, com o seu estirão imenso de rios, as suas matas incalculáveis, os seus mistérios ainda não desvendados, é o santuário da minha fé e da minha esperança (ESAGUY, 1999, p. 29).

A trajetória dos imigrantes judeus na Amazônia não foi o *locus amoenus* imaginado, como inicialmente a região foi descrita quando ainda estavam no Marrocos. O clima quente e úmido, as doenças tropicais, o trabalho árduo nas cidades ou nos rios e floresta e, sobretudo, episódios antissemitas, dificultaram a sobrevivência e a convivência dos imigrantes. No entanto, ocorreram muitos casos de bom acolhimento dos estrangeiros. Benchimol (2009, p. 435) comenta que em comparação a outro grupo migrante, os sírio-libaneses, os judeus foram melhor recebidos. A educação patrocinada pela Aliança Israelita de Tânger e Tetuan e a fluência em espanhol, francês e inglês ajudou-os a alcançar postos no comércio de exportação. A identidade judaica nem sempre em terras amazônicas sofreu atos antissemitas.

Mady Benoliel Benzecry, artista plástica, musicista e poeta, nasceu em Manaus, em 1933. No poema “Baú da infância”, de *Sarandalhas* (1967), evocam-se memórias de uma família judia assentada tranquilamente na cálida Manaus. Saudosismo tanto do tempo da infância, como das lembranças da avó imigrante pululam na mente do eu-lírico: “Os quadros eram gravuras / marroquinas – “Nesta rua / eu morava – e sem querer, / pobre vovó – suspirava” (BENZECRY, 1967, p. 29). De origem marroquina, o eu-lírico declara habitar em boa vizinhança: “Embora judeus tivemos / (graças a Deus) bons vizinhos, / eram os padres capuchinhos / da igrejinha da praça” (BENZECRY, 1967, p. 26). Para além

das imagens retratadas na poesia, cenas da natureza e da cultura amazônicas foram evocadas em pinturas e músicas de Benzecry como se vê na saudosista “Canção do navegante”: “Rio, dá água pra eu beber, / Dá peixe pra eu comer, / Dá sonhos pra eu sonhar. / Catraia, catraieiro, / Debaixo de um jambeiro / Tem filhos a esperar” (BENZECRY *apud* MARGUTTI, 2003, p. 81). O tema da sustentabilidade ecoa tanto na canção, como no quadro “Os ribeirinhos”:



Figura 1 – *Os ribeirinhos*, de Mady Benoliel Benzecry (*apud* MARGUTTI, 2003, p. 63)

A fartura e a vida às margens do caudaloso rio amazônico estampam-se na pintura que ainda privilegia a flora local. A vegetação ganha protagonismo entre os ribeirinhos, transparecendo nas cores vibrantes de plantas e das vestimentas das pessoas a alegria da comunidade.

Cultor de haicais, **Samuel Benchimol**, nascido em 1923, foi sociólogo, advogado e poeta. Sua produção no âmbito da sociologia e da história é fonte de pesquisa obrigatória para estudos sobre o tema judeus na Amazônia. Em *Eretz Amazônia* (1977) reconstitui no âmbito histórico e social a presença judaica na Amazônia. Seus poemas da juventude reunidos em *Versos dos meus verdes anos*, publicados em *Samuel Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário*, de Abrahim Baze (2014), evocam imagens da natureza e tristes e dolorosas imagens da Segunda Guerra, que dilacerou vidas e sonhos. No haicai

“POENTE”, o ângelus cristão encontra a hora da meditação semítica ou a hora em que a humanidade olha para o Eterno Criador: “O sino tangeu seis gotas de horas /– na palma do ocaso do céu/ E todos os homens banharam-se nesse orvalho de som e fé” (BENCHIMOL *apud* BAZE, 2014, p. 321).

Muitos escritores atestam a seminal obra de Benchimol como suporte temático, ficcionalizando episódios referenciados pelo sociólogo, sobretudo no que concerne ao surgimento de personagens singulares como as “polacas”, judias de origem asquenazitas prostituídas na América do Sul, no comércio de escravas brancas, organizado pela Zwi Migdal:

Quando as judias polacas chegavam à América, Argentina, Brasil e Amazônia, já desvirginadas e não conhecendo o idioma local e não possuindo formação profissional e por serem jovens inexperientes, eram encaminhadas e vendidas para os proprietários de bordéis. Eram marginalizadas e discriminadas pelas comunidades judaicas locais, chegando a ter os próprios cemitérios no Rio de Janeiro e São Paulo (BENCHIMOL, 2008, p. 76).

A temática sobre as polacas que importou a Benchimol em seu estudo sociológico foi cara também a muitos outros escritores como Marcos Serruya.

Marcos Serruya, médico nascido no Pará, foi autor de romances que ecoam partes da história e da cultura judaicas na Amazônia, como se vê em *O cabalista* (2008) e em *Cabelos de fogo* (2010). Este romance tem como tema a presença das judias prostituídas na Amazônia, as chamadas “polacas”, vocábulo que ultrapassa o sentido pátrio, ligando-se à ideia de mulheres de tez clara e sensuais e/ou prostitutas. Hana, a jovem judia trazida para a Amazônia por um falso marido que a jogou nas garras do tráfico de mulheres brancas, adotou o nome de Ana Júlia. Foi comercializada nos Estados do Pará e do Amapá. Ao ver-se grávida de um amante português, entregou a criança para a adoção. Em outro plano narrativo, é o seu bisneto Ionathan que procura resgatar a sua história, tencionando provar-se judeu. O rapaz herdara da avó um *shadai* e o testemunho de que eram judeus. Para o Rabino, Ionatan sentenciava repetidas vezes: “quem quer se converter, ainda não é” (SERRUYA, 2010, p. 14). Sendo uma narrativa semibiográfica, o rapaz consegue comprovar a sua origem. O tema das polacas no Brasil também foi adotado por escritores como Moacyr Scliar, em *O Ciclo das águas* (1977) e por Esther Largman, em *Jovens polacas* (1993). A prosperidade alcançada durante a *Belle Époque*, no período áureo do comércio da borracha, atraiu ricos investidores e fazendeiros que sustentavam o

próspero mercado dos prazeres sexuais. Outros escritores da Amazônia aderiram à mesma temática, conforme veremos a seguir.

Márcio Souza declarou-se judeu em *Entre Moisés e Macunaíma*, escrito em parceria com Moacyr Scliar. Neste livro, ele atesta a importante obra de Samuel Benchimol, *Eretz Amazônia*, como estudo singular que o fez identificar a sua identidade judaica, em uma clara mediação externa:

alguém já disse que o grande perigo enfrentado pelos judeus no Brasil não é exatamente o anti-semitismo, mas a assimilação. Um dos resultados da chegada pioneira dos *sefaradim* à Amazônia no começo do século XIX foi a herança de centenas de assimilados que gravitaram para fora do judaísmo pelo isolamento e a solidão dos grandes ermos amazônicos. esta foi a razão para a minha família demorar a reencontrar suas raízes judaicas. E se isto aconteceu, foi graças aos estudos do professor Samuel Benchimol sobre a presença dos judeus na Amazônia. Só então ficamos sabendo – com orgulho – de nossas origens judaicas (SCLIAR; SOUZA, 2020, p. 115).

Debilmente visibilizadas pela história, por muito tempo, as polacas receberam na literatura certa expressividade. Às vezes, foram retratadas em nuances românticas, não enfocando a condição de “outro outro” explorado e violentado por mãos masculinistas. Para comemorar os duzentos anos da imigração judaica na Amazônia, tendo como inspiração o *Eretz Amazônia*, de Benchimol, Souza compôs a peça homônima, publicando-a posteriormente, em *Teatro seletto* (2018). Uma personagem judia, prostituída na cidade de Manaus, é protagonista em uma das sete cenas que formam a peça. A terceira cena tem a seguinte didascália: “Manaus: ano 1925. Um delegado de polícia está tomando o depoimento de Perla Pzeborska, prostituta polonesa” (SOUZA, 2018, p. 118). Abandonadas por seus irmãos de fé que as consideraram impuras, elas criaram associações de ajuda mútua e, a despeito de suas condições de mulheres exploradas e da subalternidade que as oprimiam, buscaram resistir à invisibilidade. As associações as ajudaram a resistir, pois se mostraram “mecanismos de sobrevivência e de construção de uma identidade social positiva” (KUSHNIR, 1996, p. 21). Tal condição é percebida na peça de Souza:

Perla: Eu não mando em mim, seu polícia.

Delegado: Que negócio é esse que não mandas na tua vida?

Perla: É simples, sou estrangeira aqui, não sei ler nem escrever...

Delegado: E os judeus da cidade, porque não te ajudam a sair dessa vida? Muitos são comerciantes ricos.

Perla: Para eles eu não existo.

Delegado: Por seres prostituta?

Perla: É... Aqui tem muitas como eu. Viemos quase todas do mesmo país (SOUZA, 2018, p. 119-120).

Como disse Perla - “Aqui tem muitas como eu” (SOUZA, 2018, p. 120) –, e a literatura da Amazônia evoca essa presença.

Ilko Minev, búlgaro radicado na região há mais de quarenta anos, escreveu quatro romances sobre os Hazan, fugitivos da Europa dominada pelo nazismo e que adotaram a Amazônia como terra de refúgio. Nas memórias do nonagenário Licco Hazan, em *Onde estão as flores?* (2014) e nos demais romances *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) e *Nas pegadas da Alemoa* (2021), a saga dos Hazan é contada tendo como narrativas contíguas relances históricos do declínio da borracha e do comércio extrativista, no Amazonas e no Pará, das zonas de garimpo, em Rondônia, das áreas de plantação de arroz, em Roraima e da presença nazista, em 1935, no Amapá. Esses temas dispostos em várias geografias amazônicas promovem a visibilidade de identidades diversas como os indígenas da Reserva Raposa Serra do Sol e a judias polacas prostituídas, por exemplo, além da própria autodeterminação da identidade judaica, afinal, como atestou Benchimol (2008, p. 175), “é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia”:

Elias Salgado, historiador e cronista, manifesta a constante preocupação em registrar a história dos judeus marroquinos em terras amazônicas. Em algumas de suas crônicas, memórias da família Elmaleh-Salgado são reveladas. A vivência na Amazônia dá ao cronista matéria para narrar. Seus livros de crônicas até o momento publicados são: *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), *Vou ali e volto já* (2018), *Memória indiciada* (2020) e *Dividido sim mas só em parte* (2023). N’*O fim do mundo e outras histórias de beira-rio*, a vida em comunidade de uma família de judeus no interior amazonense é o tema central. O contato com os povos da terra, quer imigrantes como eles, quer nativos da região, mostrou que a família dos Elmaleh-Salgado não era tão diferente das demais, apesar da cultura judaica ancestral. Bem-quistos na cidade, eles travaram boas relações com os vizinhos, quer brasileiros, quer sírio-libaneses: “[...] no passado, em Boca do Acre, na minha Manaus e na nossa comunidade, a convivência com os árabes era amistosa e nada tinha do ranço político e da violência que possui o Oriente Médio” (SALGADO, 2015, p. 74), como se vê na crônica “Num tempo de diferenças amenas ou a paz esteja convosco”.

Myriam Scotti, também nascida em Manaus, é poeta, contista e romancista. Sua obra ficcional é eclética, dando relevância à figura feminina e sua multiplicidade de constituição e identidade. Foi a primeira escritora judia amazônica a retratar uma protagonista feminina. No romance *Terra úmida* (2021), a história de Syme e de sua família de imigrantes marroquinos reterritorializados na Amazônia é contada. Personagem singular, Syme resiste à tradição patriarcal que lhe arroga imperiosamente casamento e filhos, ao mesmo tempo que é atraída com grande simpatia às imagens familiares femininas. A lembrança da avó Alegria a leva a permanecer em um casamento infeliz e solitária, abandonando o amante árabe que a aliciou prazerosamente nas tardes da úmida e quente Manaus. O modelo feminino a que se submete, uma mediação externa, conforme postulou Girard (2009, p. 33), a conduz a apaziguar-se com a sua condição subalterna, muito mais para não macular a própria imagem, feita à imagem da avó, que para preservar a memória e ensinamentos ancestrais: “Não me orgulho em dizer que decidi ficar por egoísmo, por não tolerar ser o avesso de minha avó” (SCOTTI, 2021, p. 231).

Há escritores cuja ancestralidade é judaica, embora não tenham se identificado como judeus. É o caso de **Paulo Jacob** e **Rogel Samuel**, autor de *O amante das amazonas* (1992). Este atesta ter descoberto as suas raízes judaicas, na maturidade, destacando a relevância do *Eretz Amazônia*, de Benchimol, no processo:

Li “Eretz Amazônia – os judeus na Amazônia”, de Samuel Benchimol, para encontrar-me.
Minhas raízes judaicas.
Quando eu era jovem, na faculdade, aqui no Rio de Janeiro, meu apelido era “Judeu errante”.
Nem sei por quê.
O livro me foi enviado por uma grande amiga. Li-o com afeição, leitura fácil, agradável, Samuel Benchimol (1924-2002) era um bom escritor, além de pesquisador cultíssimo e professor catedrático.
Eu já o tinha muito lido, principalmente aquele seu extraordinário “Amazônia”, que amplamente usei na construção do meu romance “O amante das amazonas”.
E o conheci de vista, quando ele ainda morava na Rua 10 de julho, e jogava xadrez no “Luso” com meu irmão.
Li “Eretz Amazônia” para encontrar-me, ainda que não seja judeu, mas neto de judeu. Só é judeu filho de mãe judia, ou aquele que se converteu.
Minha amiga e escritora Bella Josef (1926-1910) um dia me convidou para aderir ao grupo, mas eu agradei, estou muito velho para mudar.
E encontrei ali o meu avô Maurice Samuel em vários lugares do livro, principalmente no “Boom do ciclo da Borracha”, ao lado dos Levy, dos Kahn etc., homens empreendedores e muito ricos, todos franceses e alsacianos, como meu avô (...).
O escritório de meu avô ficava na rua Marcílio Dias, onde hoje está o Hotel Amazonas.
Ficava lá. E no meu coração.
Ele era dono do navio Adamastor, cuja figura se encontra no meu livro.
Faleceu na pobreza, no ano em que nasci: 1943⁶.

Rogel Samuel, ao contrário do caminho assumido por Paulo Jacob, não explicitou a temática judaica em seus textos ficcionais, fazendo apenas menção ao avô, Maurice Samuel, judeu alsaciano, no romance sobre o desaparecimento do filho do francês Pierre Bataillon, proprietário de um palácio construído na floresta amazônica, no romance *O amante das Amazonas*. No entanto, em relatos pessoais, como vimos, testemunhou as suas raízes judaicas.

Em *Um pedaço de lua caía na mata*, de Paulo Jacob (1990), a história de Salomão Farah e sua família é contada. Entre episódios de aceitação interessada e de antissemitismo, Salomão busca abandonar a débil visibilidade a que é lançado. O padre da cidade de Parintins, no Amazonas, sabendo de suas posses, convida-o a ser tesoureiro dos festejos da santa. O imigrante judeu aceita. Parece ser benquisto na sociedade, ao mesmo tempo que precisa enfrentar episódios antissemitas, sobretudo, os que afligem o filho em idade escolar, chamado pelos colegas de “judeu capado” (JACOB, 1990, p. 23). O pai o consola dizendo que deve buscar bons modelos para resistir. A história judaica é terreno fértil: “O povo de Deus vence pela inteligência, pela cultura e pela paciência. Nunca se viu um judeu sem saber ler nem escrever” (JACOB, 1990, p. 23). O menino recebeu a alcunha injuriosa por lograr expressivo desempenho em sala de aula. Em idade avançada, Salomão ruma vaidosamente as conquistas do filho que se tornara doutor: “Chegar finalmente o *halom tob*, filho doutor. Encher a boca. Falar a todos de filho. É judeu mas é doutor. Jacó chegar a essas alturas. Que Deus abençoe filho. A noite inteira acordado. Um pedaço de lua caía na mata” (JACOB, 1990, p. 154).

Por fim, três escritores não judeus representaram em algumas de suas ficções o tema da presença judaica na região norte do Brasil. São eles: **Dalcídio Jurandir**, **Milton Hatoum** e **Sandra Godinho**. Eles não reproduziram, como no conto de Inglês de Sousa, o discurso que concebe o judeu como indivíduo com deformações morais. A identidade não judaica não é marca distintiva para que o traço antissemita vigore. Segundo Regina Igel (1997, p. 5),

para verificação e exame da temática judaica na literatura de qualquer país, deve-se cuidar em não confundir tema com personagens judaicos. Estes últimos podem estar presentes em qualquer texto ficcional, independentemente de ser ou não judia a origem do autor. Romances inseridos tanto na literatura portuguesa quanto na brasileira, por exemplo, apenas por incluírem personagens judeus não determinam, por isto, uma temática judaica. Portanto, não poderiam assim considerar certas obras que abrigam personagens judeus calcados em clichês antijudaicos, vistos, geralmente, como portadores de malignidade de atos e

pensamentos, além de serem expostos, tradicionalmente, como usureiros. Por outro lado, escritores não-judeus podem apresentar, em seus trabalhos, passagens da história judaica, de forma direta ou através de metáforas e alegorias.

Dalcídio Jurandir, escritor paraense, nascido na Ilha de Marajó, em 1909, escreveu onze romances. Dez deles compõem o chamado Ciclo do Extremo-Norte. O primeiro intitula-se *Chove nos Campos de Cachoeira*, publicado em 1941. No último, *Ribanceira*, de 1978, a saga de Alfredo chega ao fim. Na cidade de Ribanceira, ele ocupará o cargo de Secretário da Intendência. Segundo Ernani Chaves (2020, p. 12), Alfredo “mais que um viajante, [...] é um andarilho”. É caminhando pela cidade que ele toma conhecimento da geografia humana e suas particularidades culturais (linguagem, costumes, festas, religiosidade), assim como procura retratar a fauna e a flora amazônica. O jovem Secretário, encantado com a bela Bi, constatará que a cidade está decadente, quase em ruínas. O furor causado pelo Ciclo da Borracha desfez-se, deixando apenas a saudade de uma época próspera. O velho Bensabá, judeu marroquino, é constantemente referenciado como uma personagem que lamenta a derrocada dos preços da seringa. Ele sonha com a época dourada, assim como a filha Sara sonha com o marinheiro de uniforme branco que, do barco *Vicking*, “lhe tirou o quepe, cavalheiroso” (JURANDIR, 2020, p. 349). A presença judaica neste romance é decorativa, posto que o narrador precisa descrever o espaço e suas gentes, mas evoca também a passagem da riqueza para o decaimento: “Sozinho, curvado sobre o tabuleiro de dama, com as moscas cobrindo a traíra seca no pão aberto, seu Bensabá sonha com os preços altos e Sara dorme na cadeira de embalo” (JURANDIR, 2020, p. 295). A família Bensabá é benquista na cidade. Tem com o padre local uma relação amistosa. O padre e Alfredo caminham pela cidade e logo avistam o judeu. É época dos festejos de São Benedito:

Ao passarem pelo Bensabá, o comerciante – esperem o café! – arrasta uma cadeira de embalo para a porta.

- Um dia desses jogo com o senhor uma partida de dama e olha que já estou rezando pelos preços de sua borracha. Contanto que me reserve um óbolo para a Igreja.

- Me agredite! Me agredite! (JURANDIR, 2020, p. 338).

Nesse trecho, o discurso do velho Bensabá surge cortando a narração em terceira pessoa. Em seguida, em discurso direto, o padre solicita ao amigo judeu ajuda financeira para os reparos da igreja, enquanto promete orações pelo aumento da borracha. Trocando as letras, Bensabá garante o prometido, em um tom que beira o risível – Me agredite! Me

agredite! (JURANDIR, 2020, p. 338) –, mostrando-se quase como uma caricatura do tempo que não volta mais.

Nascido em Manaus, em 1952, Milton Hatoum, é autor de romances como *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Órfãos do Eldorado* (2008). Nestes, há a presença de diversos grupos étnicos, como sírio-libaneses e judeus, que imigraram para a região atraídos pelo comércio da borracha. A família Benemou, de judeus marroquinos, convive amistosamente com os vizinhos libaneses, nos romances *Relato de um certo Oriente* e *Dois irmãos*. No entanto, é em *Órfãos do Eldorado* que outra família judia recebe maior expressividade: os Becassis. Neste romance, como uma narrativa contígua, a furtiva história da bela Estrela aparece para dar visibilidade a um capítulo da história das imigrações para a Amazônia. Arminto, o personagem principal, dilapidou a herança deixada pelo pai. O amor pela orfã Dinaura o leva às raias da prodigalidade e do desvario. Ao ver a jovem viúva Estrela, o jovem rapaz pensa em reconstruir o patrimônio, casando-se com ela:

Becassis estava sentado entre Estrela e Azário, um rapaz esquisito. Ela era altiva, o cabelo comprido e cacheado roçava a borda da mesa. Observei o corpo empinado, as mãos delicadas, o rosto bem talhado, que escondia alguma coisa no fundo dos olhos cinzentos. Como admirei os olhos da forasteira. Era a segunda vez que via a mulher, a primeira havia sido só de longe. Ela vivia como uma cativa, não queria mostrar a beleza. O velho notou que eu estava hipnotizado por Estrela. Eu ainda não sabia que era filha dele, os judeus marroquinos e os árabes tinham fama de mulherengos, e os mais velhos costumavam casar com mocinhas. O ciúme nos olhos dele não era cisma de esposo, era de pai (HATOUM, 2008, p. 72).

O plano é malogrado. O pai de Estrela deixara a cidade logo após finalizar a compra das últimas posses de Arminto. A presença dos Becassis evocaria um “legado étnico-cultural” que escritores como Milton Hatoum e Moacyr Scliar costumam apresentar, segundo Regina Igel (2012, p. 1):

estes dois escritores brasileiros – Moacyr Scliar (1937-2011) e Milton Hatoum (1952-) são vistos por estudiosos, em geral, como “escritores étnicos”, pois cada um deles fez, de seu legado étnico-cultural, o fulcro de suas obras literárias. Scliar desvendou os judeus no Brasil, começando pela comunidade judaica no sul do país, enquanto Hatoum destaca a comunidade de imigrantes de origem libanesa no Norte. Dos polos norte e sul, dois romancistas que, entre tantos brasileiros dedicados à arte de escrever bem, revelam seus talentos como narradores ao mergulharem na atmosfera física, cultural, psicológica e moral em que cresceram. Esses são alguns dos pontos coincidentes expressados por eles em relação ao meio ambiente que transpuseram à vida literária. E, ao mesmo tempo, há vários outros elementos que, ao contrário, expõem uma perceptível

distinção entre os dois, seja pelo encaixe de suas experiências no labor literário, pela atmosfera que distribuem entre as narrativas, ou seja pela diferença de intensidade da cor local que impregna suas narrativas.

Romances de Ilko Minev, de Marcos Serruya e de Paulo Jacob, assim como algumas crônicas de Elias Salgado, reforçam tal legado étnico de modo mais aclarado. Os demais escritores aqui elencados, eventualmente, tocaram em temas étnicos.

Sandra Godinho Gonçalves nascida em São Paulo, em 1960, radicada em Manaus, apropriou-se de temáticas judaicas para compor o romance *Terra da promessa*, publicado em 2019. Nele, a história de Jsaac, Esther e Jacob é revelada, destacando um triângulo amoroso cujas relações evocam o desejo segundo o outro, conforme concepção de René Girard (2009), em *Mentira romântica e verdade romanesca*. Isaac conhece Esther desde a infância e se sente enciumado quando nota o interesse do atraente músico Jacob, pela amada. O músico e Isaac passam a desejar a mesma mulher, o que os leva à rivalidade. Para o pensador francês,

dois desejos que convergem para um mesmo objeto constituem obstáculo recíproco. Qualquer mimese relacionada ao desejo conduz necessariamente ao conflito. Os homens são sempre parcialmente cegos para esta causa da rivalidade. O *mesmo*, o *semelhante*, nas relações humanas, evoca uma ideia de harmonia: temos os mesmos gostos, apreciamos as mesmas coisas, fomos feitos para nos entender. O que acontecerá se tivermos realmente *os mesmos desejos*? (GIRARD, 1990, p. 185).

O questionamento de Girard é a essência da problemática presente em *Terra da Promissão*. O que ocorre com os rivais que disputam a bela judia Esther? Como ela se identifica nessa história de desejo e rivalidades? Há dois narradores: Esther e Isaac. E é a partir de suas perspectivas que ficamos a saber da disputa, ainda que velada, iniciada em Tânger, no Marrocos, alcançando o desfecho quando os personagens, já maduros, após estabelecerem-se na Amazônia, entenderem a necessidade de abandonarem os ressentimentos e a rivalidade. As três partes em que o romance é dividido evocam o estado constante de desejo e de rancor que caracterizam a identidade de Isaac: O desejo, A luta e A revelação. Em certo momento, Isaac declara: “Eu vivia assim: de um tanto de comida, de um tanto de raiva e de um tanto de sonho” (GONÇALVES, 2019, p. 115). Jacob, que atravessa o Atlântico em busca da amada, alcança tranquilidade nos braços de uma mulher que na juventude foi prostituída: era uma judia polaca.

Em resumo, conforme vimos, as judias polacas são, dentre os temas presentes na ficção judaica amazônica, um dos mais recorrentes. Os romances *Cabelos de fogo*, de

Marcos Serruya, *A filha dos rios*, de Ilko Minev, *Terra de promessa*, de Sandra Godinho, a peça teatral *Eretz Amazônia*, de Márcio Souza, por exemplo, aludem direta ou indiretamente ao tema das judias polacas prostituídas na Amazônia. Se boa parte desses textos refletem a imagem da jovem mulher oprimida e violada moral e fisicamente, há exemplos de mulheres que, apesar da dominação e das violências imputadas pelo tráfico de mulheres brancas, conseguiram desvencilhar-se da dominação, ainda que em alguns casos, não tenham conseguido sair da prostituição, tonando-se cafetinas, como se vê no romance de Minev, *A filha dos rios*.

As mães judias entre a tradição e a transgressão é um tema que pode ser percebido nos romances *Terra úmida*, de Myriam Scotti, e em *Terra da promessa*, de Sandra Godinho Gonçalves. Mais que mães, as protagonistas são mulheres que assumem os desejos do corpo. Querem fazer a sua história. Elas tentam. Elas subvertem. Elas quebram normas culturais. Syme, de *Terra úmida*, vê-se presa às amarras da tradição, ao mesmo tempo que as fere, afrouxa os laços. O relacionamento com os filhos é difícil. Odeia a maternidade. Odeia a tradição que a fez casar e ser mãe. No entanto, é a mesma tradição que a impede de fugir com o amante árabe na cálida Manaus. A personagem Esther, de *Terra da promessa*, ama o músico Jacob. O encontro dos amantes em Tânger fica gravado na mente do violinista que atravessa o Atlântico para estar perto da mulher amada, obrigada, pelos laços do matrimônio, a seguir o amoroso e ciumento Isaac, em terras amazônicas. A palavra terra, substantivo feminino, cujo significado, segundo o dicionário, é a superfície sólida da crosta terrestre onde pisamos, construímos etc; chão, solo, mostra-se iterativa nos dois romances citados, assim como se pode perceber em outros trabalhos de judeus amazônicos. Pode ser simbolicamente concebida como espaço do desejo, da fertilidade, da realização. Terra, seja ela, úmida ou da promessa, na ambiência amazônica, é o espaço da descoberta de si. A Amazônia judaica é espaço feminino dócil e indócil. Lugar em que a personagem, quer judeu, quer judia, deixa de ser o “outro outro” deformado moralmente ou subalternizado para ter uma identidade que reconhece o outro em seu processo de formação. Este outro, em alguns momentos, pode assumir posições hegemônicas, opressoras, que, ao lume de *Um pedaço de lua caía na mata*, de Paulo Jacob, será superado quando modelos da tradição, utilizados como mediadores externos, forem aclamados.

O tema os judeus e outros grupos étnicos migrantes ecoa as relações pacíficas e, às vezes, conflituosas entre judeus e outros imigrantes na diáspora pela Amazônia, atraídos

pelo Ciclo da Borracha. Desterritorializados, os imigrantes viram na terra amazônica um espaço de acolhimento e de possível fortuna. O sentimento de coexistência, de compartilhamento da terra e de relações saudáveis com as gentes da terra permeiam alguns dos romances, como se vê em *Dois irmãos*, *Relato de um certo Oriente* e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum e em crônicas de Elias Salgado.

Mesmo em terras amazônicas, mãe fértil e sensual, talvez seja lícito pensá-la assim, filhos de terras estrangeiras, como italianos, sírio-libaneses, ingleses, americanos, barbadianos, japoneses etc, encontraram no solo amazônico descanso, paz e prosperidade. Mas ao povo judeu, na Amazônia, apesar da paz e da aceitação geral, ficou um restolho de intolerância, de ódio histórico que ainda hoje é ecoado com veemência em todo o mundo.

Em conclusão, Benchimol (2008, p. 175) asseverou que “ser, viver e permanecer judeu” em qualquer parte do mundo é muito difícil. Na Amazônia, não foi diferente. Não tem sido diferente, conforme a história tem mostrado. Não se trata apenas de perder traços identitários, trata-se de perder a vida, ou de lutar para mantê-la como fez o judeu Benchaia, do romance de Esaguy, pulando do barco em águas amazônicas para fugir do mata-judeu, movimento antissemita episódico ocorrido na Amazônia. No entanto, apesar de eventos de antissemitismo, a Amazônia soube bem receber todos os seus visitantes. Alguns apenas estiveram em trânsito, mas outros aqui plantaram, construíram, comerciaram, casaram, tiveram filhos e se alegraram, reconhecendo a terra um espaço de segurança e de paz, um lugar em que o outro pode erguer a sua voz.

Referências

- BAZE, Abrahim. *Samuel Isaac Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário*. Manaus: Valer, 2014.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação social e cultural*. Manaus: Editora. Valer, 2009.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
- BENZECRY, Mady Benoliel. *Sarandalhas*. Manaus: Editora Pongetti, 1967.
- CALVINO, Italo. *Assunto encerrado: Discursos sobre literatura e sociedade*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- CHAVES, Ernani. Gurupá, Ribanceira e Itá: apogeu e decadência em uma comunidade amazônica. In: JURANDIR, Dalcídio. *Ribanceira*. Bragança: Parágrafa Editora, 2020.
- COHEN, J. Benedicto. Israel. In: A COLUMNA. n. 17 e 18, ano II, 04-05 e 01-06-1917. p. 76.
- COHEN, J. Benedicto. Nossos irmãos da Amazônia. In: A COLUMNA. n. 20, ano II, 03-08-1917. p. 108.
- COHEN, J. Benedicto. Pessah. In: A COLUMNA. n. 5, ano I, 05-05-1916. p. 70.
- COHEN, J. Benedicto. Pessah. In: A COLUMNA. n. 5, ano I, 05-05-1916. p. 70.
- COHEN, Jeffrey Jerome et. al. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ESAGUY, Leão Pacífico. *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*. São Paulo: do autor, 1999.
- GIRARD, Rene. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.
- GIRARD, Rene. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Tradução de Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.
- GIRARD, Rene. *O bode expiatório*. Tradução: Ivo Storniliolo. São Paulo: Paulus, 2014.
- GONÇALVES, Sandra Godinho. *Terra da promessa*. Taboão da Serra: Vicenza, 2019.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Coleção Mitos).
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- IGEL, Regina. Os fios da talagarça. Anais on-line do XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo. USP, 2008, p. 1-5. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/018/REGINA_IGEL.pdf. Acesso em: 27 mai. 2022.
- IGEL, Regina. Uma obra revisitada. *Amazônia judaica*. n. 7 p. 22-23, 2012. Disponível em: https://issuu.com/amazoniajudaica/docs/edi__aopessach5772. Acesso em: 4 fev. 2020.
- JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

- JURANDIR, Dalcídio. *Ribanceira*. Bragança: Parágrafo Editora, 2020.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LARGMAN, Esther. *Jovens polacas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, Cejup, Belém, 1995.
- MARGUTTI, Mário. *Embaixadores da alma brasileira: vida e obra de Batista e Mady*. Rio de Janeiro: Lucky, 2003.
- MINEV, Ilko. *A filha dos rios*. São Paulo: Livros de Safra, 2015.
- MINEV, Ilko. *Na sombra do mundo perdido*. São Paulo: Livros de Safra, 2018
- MINEV, Ilko. *Onde estão as flores?* São Paulo: Livros de Safra, 2014.
- Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Culturas shakespearianas: teoria mimética e os desafios da mímesis em circunstâncias não hegemônicas*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- ROGEL, Samuel. *Por que escrevi*. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/por-que-escrevi-o-amante-das-amazonas>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. In: Revista *Morashá*. Edição 30, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. Como viemos parar na Amazônia. In: Revista *Morashá*. Edição 30, setembro de 2000. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>. Acesso em: 27 de mar. 2019.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. *Uma grande mancha de sol*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.
- ROSENBLATT, Sultana. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999.
- SALGADO, Elias. *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio*. Rio de Janeiro: Talú Cultural, 2015.
- SAMUEL, Rogel. *Meu avô*. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2018/11/>. Acesso em: 22 ago. 2020.
- SAMUEL, Rogel. *O amante das amazonas*. Rio de Janeiro: Aió, 1992.

SAMUEL, Rogel. *Os judeus na Amazônia*. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>. Acesso: em: 23 set. 2020.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma*. Os Judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SCOTTI, Myriam. *Terra úmida*. Guaratinguetá: Panalux, 2021.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de fogo*. Edição do Autor. Belém, 2010.

SERRUYA, Marcos. *O cabalista*. Belém: Universitária, 2008.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Edição preparada por Sylvia Perlingeiro Paixão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Márcio. *Teatro seletto*. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2018.

¹ COHEN, J. Benedicto. Israel. In: A COLUMNA. n. 17 e 18, ano II, 04-05 e 01-06-1917. p. 76.

² COHEN, J. Benedicto. Pessah. In: A COLUMNA. n. 5, ano I, 05-05-1916. p. 70.

³ COHEN, J. Benedicto. Pessah. In: A COLUMNA. n. 5, ano I, 05-05-1916. p. 70.

⁴ COHEN, J. Benedicto. Nossos irmãos da Amazônia. In: A COLUMNA. n. 20, ano II, 03-08-1917. p. 108.

⁵ COHEN, J. Benedicto. Carta aberta ao Sr. A. B. In: A COLUMNA. n. 21, 22, 23, 24, ano II, set. out. nov. dez., 1917. p. 147.

⁶ O relato de Rogel Samuel sobre a origem de sua família está disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.